

## ALGARVE EM FESTA

Um pouco por toda a parte, se multiplicam as realizações festivas em todo o Algarve, a animar os que cá vivem e os que preferiram esta terra para as suas férias tranquilizantes.

# A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI

28-7-1977

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 633

Composição e Impressão

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20

Telef. 92091

RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Rua da Carreira

Telef. 6 25 36

LOULÉ

## Violência e Psicanálise

A fogueira aí está atuada e de quando em vez, de réplica em réplica, vão-lhe atirando mais achas...

Num curto lapso de tempo, demasiadas violências acontecem, como pretextos múltiplos, heterogêneos e não raras vezes enigmáticos e inconhecíveis, tais como vinganças e represálias obscuras.

E, particularmente sintomático, não são casos singulares, de indivíduo para indivíduo, são incidentes onde o índice massivo deixa as suas deladoras impressões digitais...

No futebol é aquilo que se sabe, das vaias e das provocações resvala-se nas escaramuças entre as falanges de apoio sem se curar das motivações. Na vida corrente, até um cumpridor e zeloso funcionário pode sentir os efeitos de anónimos refractários, que na calada da noite tentam intimidá-lo com a destruição do seu carro, por exemplo. Na delinquência, são os marginais que ripostam a matar à acção das autoridades e no contexto político, marcado por uma forte clivagem, aí de quem por qualquer motivo cai sob a alçada da turba adversa.

Eis aqui bem explicitado um panorama primário, que faz lembrar a proto-história, a lei da selva e do mais forte e reflectir sobre as me-

diocridades e miopias que enferma esta nossa sociedade, destituída, com as devidas ressalvas, do mínimo bom senso cívico e comunitário.

É verdade também, que no mor dos episódios e em via de regra, os agressores se agrupam, pretendem agigantar-se (sinal complexo de inferioridade) através do número (per capita) para, nestas circunstâncias, exercerem violência animal, falha de qualquer chispa reflexiva.

Está assim recomprovada a psicologia das multidões, que no magnetismo sugestivo do colectivo procede (Continua na pág. 7)

## José Manuel Mendes entrevista o Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve

«O TURISMO É, A CURTO PRAZO, A ACTIVIDADE QUE PODE VIR A MINORAR AS DIFICULDADES DA NOSSA BALANÇA DE PAGAMENTOS, E DA ECONOMIA EM GERAL» — Afirinou CABRITA NETO

Pessoa desde há muito ligada ao sector do turismo e conhecedor pro-

fundo do «know-how» desta actividade, Cabrita Neto é indiscutivelmente um homem em foco. Sob a sua orientação à frente dos destinos da Comissão Regional de Turismo, o Algarve tem conhecido desde 1976, e muito especialmente já no decurso do corrente ano, uma dinamiza-

ção invulgarmente antagónica ao marasmo em que caiu abissalmente o sector turístico do nosso País.

Consciente das responsabilidades que recaem sobre um componente primordial na recuperação económica de Portugal, o trabalho de Cabrita Neto e do seu grupo de colaboradores tem assentado em bases firmes e seguras, numa procura séria, eficaz e duradoura de preparar o futuro. É aqui que reside a sua grande estratégia e a sua maior es-

(Continua na pág. 6)

## NOVA VERSÃO DA HISTÓRIA PORTUGAL

O jornal «O Dia», pela pena de Adelino Alves, insurge-se contra o programa de História a ministrar no sétimo ano de escolaridade, refutando com acusações a conotação de tipo marxista adoptada no ensino desta disciplina, que tem sempre pautado,

no capítulo de História-Pátria, pela formação nos jovens da consciência nacional.

Segundo o articulista a nova versão materialista, desfasada de conteúdo espiritual ocupa-se em fornecer de Portugal a imagem deformada uma vez que o seu passado, na versão agora adoptada, foi norteador ou culminada pela mira de fundar um «império colonial», silenciando a sua vocação civilizadora.

Referindo-se ao ocorrido o comentarista visa as entidades responsáveis nestes precisos termos: «A verdade é que uns tantos «iluminados» do MEIC decidiram, eu ia a dizer, criminosamente, nas costas dos primeiros educadores, os pais, afastar do âmbito das disciplinas escolares, a História de Portugal».

Estamos portanto em presença de uma versão histórica-ideológica, e por isso doutrinarista que se imiscui

(Continua na pág. 3)

## PROSSEGUEM OS PREPARATIVOS das Festas de Verão de Loulé

Sem esmorecimento e delongas prosseguem os preparativos das Festas de Verão de Loulé, que dentro de breve trecho (nas noites de 13, 14 e 15 de Agosto) se revelarão como um foco de atracção algarvia a juntar ao já lendário fascínio desta província, vocacionada trave-mestra do turismo nacional.

Para o bom êxito da realização estão conjugados válidos empenhos, dos quais já tecemos algumas referências, particularmente relacionados com a Câmara Municipal de Loulé e de uma prestante comissão organizadora composta por elementos qualificados e experientes. Cabe porém referir aqui o patrocínio da Comissão Regional de Turismo a qual representa um incentivo de inegável apreço. Com efeito, a Comissão Regional de Turismo, tem sempre dispensado o seu concurso nestas manifestações de Loulé (e não ó)

proporcionando com ele uma inestimável achega credora do devido destaque, tanto mais que muito bem se quadra com a sua função específica que é a de fomentar e coordenar o movimento turístico no momento próprio.

Entretanto, na sequência dos tra-

(Continua na pág. 7)

## A célebre ponte do Barão provoca cenas de pugilato

Os concelhos de Loulé e Albufeira são demarcados por uma ribeira

e, sobre essa ribeira há uma ponte tão estreita que um camião não pode cruzar-se com uma bicicleta a pedal.

A estrada que passa nessa ponte é um desvio da E. N. e faz a ligação aos mais volumosos empreendimentos (continua na pág. 2)

### OS POBRES

### VIVEM DE ESMOLAS

Segundo notícias divulgadas pela imprensa, a Suíça ofereceu há pouco 10 toneladas de leite para auxílio aos refugiados.

Recentemente a Noruega dispôs-se a oferecer casas pré-fabricadas para alojar os refugiados dos nossos ex-territórios ultramarinos.

Também a Holanda, a Inglaterra, (Continua na pág. 7)

## O Conselho de Imprensa deturpa factos e inventa queixas

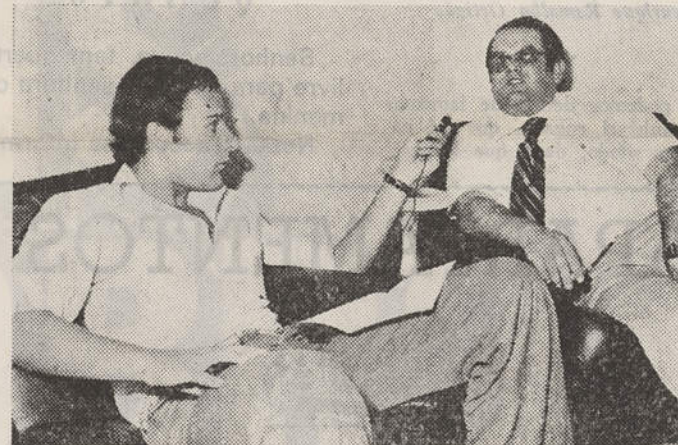
Inconformados e perplexos face a uma imerecida e grosseira denúncia de que fomos vítimas, por parte do dr. Jacinto Duarte, ocorreu-nos escrever, oportunamente, ao Conselho de Imprensa a relatar o sucedido, por se tratar de um órgão oficial cuja razão de existência supomos que será o de defender os interesses da imprensa.

Em resposta à nossa carta escreveu-nos o secretário do Conselho de Imprensa a pedir mais elementos de consulta para o «relator encarregado da questão apreciar» ao que prontamente acedemos.

Dois meses depois, porém, foi-nos dado ler na imprensa a interpretação que o Conselho de Imprensa deu à nossa queixa e de novo ficámos perplexos e extremamente confusos.

No dia seguinte recebemos uma carta do Conselho de Imprensa a confirmar o relatado pelos jornais e ficámos atónicos perante o seu conteúdo, pois deturpa de tal forma os factos que até parece anedótico.

Para que os leitores apreciem a maneira desconexa como o problema foi tratado, abaixo transcrevemos o (continua na pág. 2)



O NOSSO REDACTOR NO MOMENTO EM QUE ENTREVISTAVA O PRESIDENTE DA COMISSÃO DE TURISMO DO ALGARVE

## Família Louletana barbaramente espancada em Monte Gordo

Na sequência dos despropositados acontecimentos aquando do jogo de futebol Beira Mar-Louletano, e que aqui relatámos oportunamente, parece que não satisfeitos com isso, os energúmenos que pululam impune na aprazível estância balnear de Monte Gordo, tomaram como alvo das suas tendências primitivas tudo e todos quantos cometam o «crime» de serem louletanos.

Foi assim que no passado dia 26 de Junho, o sr. Manuel dos Santos Inês, conhecido proprietário do Café Avenida, e 10 familiares que o acompanhavam, quando ceavam na-

catamente num restaurante de Monte Gordo, foram vítimas de inesperada e bárbara agressão, sem qual-

(Continua na pág. 4)

### ERA MUITO BEM FEITO...

Desde há longos meses que certa imprensa anda muito preocupada com o regresso dos «patrões sabotadores», que abandonaram as suas empresas.

Fazendo o papel de ingénuos ou (Continua na pág. 3)

## DANIEL CONSTANT

### expõe em Faro

Está patente no Posto de Turismo de Faro uma Exposição de aquarelas de Daniel Constant que decorre de 22 a 31 de Julho, subordinada ao tema «Algarve em Aquarela».



## O Conselho de Imprensa deturpa factos e inventa queixas

(continuação da pág. 1)

texto da apreciação do Conselho de Imprensa na sua reunião de 27 de Junho:

«O Conselho de Imprensa na sua reunião de 27 de Junho p. p. apreciou a queixa apresentada por V., motivada por uma acção judicial movida pelo presidente da Comissão Municipal de Loulé, sr. António Maria Andrade de Sousa, na sequência de um comentário aos resultados das eleições para as autarquias locais publicada em «A Voz de Loulé».

O Conselho de Imprensa considera que assistia ao jornal o direito, e o dever, de comentar a actividade dos partidos e interpretar os resultados eleitorais, segundo a sua óptica própria, direito que é um corolário da liberdade de imprensa.

No que respeita à não concessão do direito de resposta ao sr. António Maria Andrade de Sousa, o Conselho de Imprensa considera, nos termos do número 4 do artigo 16.º da Lei de Imprensa, que o exercício daquele direito se encontrava prejudicado, tendo, portanto, o director do semanário o direito de recusar a publicação da resposta. No entanto, nos termos do n.º 7.º do art.º 16.º da Lei de Imprensa, o director do jornal deveria ter recusado a publicação da resposta mediante carta registada com aviso de recepção, expedida nos três dias seguintes à recepção da resposta, motivo, aliás, porque o semanário foi condenado em tribunal, tendo havido recurso da sentença.

Com os melhores cumprimentos.  
Lisboa, 29 de Junho de 1977.

P'lo Conselho de Imprensa

O Presidente,  
Henrique Ramalho Ortigão

★

Não podemos deixar de lamentar tão estranhável engano, que até parece propositado, dado que fornece-

mos ao Conselho de Imprensa todos os elementos que nos foram solicitados para apreciação do problema em causa.

Não conseguimos compreender como é que em tão melindroso caso, um Conselho responsável analisa um problema e inventa nomes de pessoas que nada têm a ver com uma queixa que lhe foi apresentada e até deturpa a questão.

Vários assinantes do nosso jornal ficaram surpreendidos com a notícia publicada na imprensa acerca da acção judicial que o Conselho de Imprensa diz ter sido movida pelo Presidente do Município Louletano, por suporem tratar-se de um novo problema não relacionado com o caso dr. Jacinto Duarte.

Na verdade, o Conselho de Imprensa baralhou de tal forma as coisas que, «qualquer semelhança parece mera coincidência». Trata-nos por «João Maria Barroso»; inventa um cargo de Presidente da Comissão Municipal, troca o nome do dr. Jacinto Duarte por António Maria Andrade de Sousa, faz referência ao resultado das eleições e trata da actividade dos partidos, problemas que não estiveram em causa no julgamento a que o director deste jornal se submeteu.

Mas que grande confusão, senhores Conselheiros do Conselho de Imprensa. Se é assim que costumam tratar dos problemas que lhe são apresentados, mais vale acabar, também com esse Conselho. Já nos basta o vitalício.

## QUARTO

Senhora viúva, tem quarto livre para alugar a senhora ou menina.

Nesta redacção se informa.

## APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída par Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA.  
— Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

ALGARVE  
LISBOA  
PORTO

300\$00

300\$00

(E VICE-VERSA)

Nas suas deslocações, prefira os «Super-Pull Man» de luxo que a Mundial de Turismo pôs agora à sua disposição.

Modernamente equipado c/ 4 canais individuais de música, lavabos, ar condicionado, bar, serviço gratuito de chá, café ou sumos, revistas e jornais e assistente de bordo.

Partidas diárias de Quarteira às 07,55 (junto ao Hotel Toca do Coelho).

Reservas e informações M. Martins da Silva, Telef. 65457 — Av. Marginal (junto ao Hotel Toca do Coelho) — QUARTEIRA.

## CENAS DE PUGILATO

(continuação da pág. 1)

dimentos turísticos e povoações importantes de Albufeira.

Por isso é facilmente imaginável o movimento que essa ponte suporta e o transtorno que causa a quem precisa utilizá-la e se sujeita a todos os inconvenientes de uma ponte de sentido único, especialmente no verão.

E o mais grave é que essa ponte se situa exactamente no final de uma apertada curva e sem nenhuma visibilidade, do que tem resultado muitos encontros de frente-a-frente entre veículos.

Choques, amolgadelas, feridos, mortes, agressões físicas e valentes discussões, tudo ali se regista com assustadora frequência, pois é frequente um encontro a meio da ponte e a dúvida de quem deve recuar, até porque se sujeita a ser atropelado por outro carro que possa surgir. Por tudo isto, mais uma vez perguntamos: quando será construída a projectada e tão falada nova Ponte de Barão?

Tem a palavra o GAPA, a Comissão de Turismo, o Governo Civil de Faro, a Câmara de Loulé ou a Câmara de Albufeira? Já é tempo de remediar tão grande anomalia.

«A Voz de Loulé», n.º 633, 28-7-77

TRIBUNAL JUDICIAL  
DA COMARCA DE LOULÉ

## ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 11 de Outubro, às 14,30 horas, neste Tribunal e nos autos de carta precatória n.º 90/77 da 2.ª Secção, extraída da execução de sentença que, no Tribunal da comarca de Faro, Chaveca & Janeiro, Lda., move contra Clona — Mineira de Sais Alcalinos, S.A.R.L., Quinta de Betunes, Loulé, serão postos em praça para serem arrematados, aos maiores lances oferecidos acima dos valores indicados no processo, um tractor e peças que constituem o recheio de escritório da executada.

Loulé, 1 de Julho de 1977.

O escrivão de Direito,  
João Maria Martins da Silva

Verifiquei.

O Juiz de Direito,  
Mário Meira Torres Veiga

Se está interessado  
em construir  
a sua vivenda

Contacte com José Correia Bárbara, residente no sítio do Poço Novo — Loulé — Telef. 62255, que também executa reparações em prédios novos ou antigos.

(4-2)

## Terreno VENDE-SE

Com 31x30 m. Total ou parcialmente, situado na Rua Quinta de Betunes — LOULÉ.  
Tratar com José João Valério Esteves — Telefones: 62292, 62041 e 62054.

## ALTERAÇÃO DE PACTO SOCIAL

NOTARIADO PORTUGUES

CARTÓRIO NOTARIAL  
DE SÃO BRÁS  
DE ALPORTEL

CERTIFICO:

Que de folhas oitenta verso a oitenta e uma verso do livro de notas para escrituras diversas, número quatrocentos, se encontra a escritura do teor seguinte:

ALTERAÇÃO  
DO PACTO SOCIAL

No dia quinze de Julho de mil novecentos e setenta e sete, no Cartório Notarial de São Brás de Alportel, a meu cargo, perante mim licenciada Soledade Maria Pontes de Sousa Inês, notária interina, compareceram como outorgantes:

FRANCISCO ROMÃO ANA CATARINO, casado com Noémia do Rosário Alves, no regime da comunhão geral, natural da freguesia de Salir, concelho de Loulé, com residência habitual na Rua 25 de Abril, n.º 48-A, em Quarteira;

JOÃO MANUEL ARROJA NEVES, casado com Maria da Luz Dias Correia Arroja Neves, no regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia e concelho de São Brás de Alportel, onde tem residência habitual na vila; e

César da Luz Dias Correia, casado com Maria Suzel de Sousa Neves Dias Correia, no regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Santa Catarina, concelho de Tavira, com residência habitual na Av. da Liberdade da Vila e dita freguesia de São Brás de Alportel.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelo meu conhecimento pessoal, à excepção da do outorgante Francisco Romão Ana Catarino que verifiquei pela exibição do seu bilhete de identidade n.º 1 058 160, emitido em 12 de Março de 1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

E pelos outorgantes, foi dito:

Que são os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «CATARINO, NEVES & CORREIA, LIMITADA», com sede na Rua Vinte e Cinco de Abril, quarenta e

oitenta-A, em Quarteira, concelho de Loulé, com o capital, integralmente realizado em dinheiro de cem mil escudos, constituída por escritura de trinta e um de Maio do ano corrente, lavrada a folhas onze verso, do livro de notas para escrituras diversas, número nove-A, deste Cartório.

Que pela presente escritura alteram o artigo sexto do pacto social que rege a dita sociedade, ao qual é dada a seguinte nova redacção:

SEXTO — Para que a sociedade se considere validamente obrigada é suficiente a assinatura de qualquer dos sócios-gerentes, sendo no entanto necessária a assinatura dos três gerentes para actos de compra e venda não incluídos na actividade normal da sociedade.

Foi feita aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea deles, a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo, com a advertência especial da obrigação de ser requerido, no prazo de três meses, a contar de hoje, o registo deste acto.

a) Francisco Romão Ana Catarino, João Manuel Arroja Neves e César da Luz Dias Correia.

A notária interina, Soledade Maria Pontes de Sousa Inês.

É certidão de teor integral que vai conforme ao original.

Cartório Notarial de São Brás de Alportel, aos quinze de Junho de mil novecentos e setenta e sete.

A Ajudante do Cartório,

Assinatura ilegível

## MERCEARIA EM QUARTEIRA

Trespasa-se, por motivo de doença.

Tratar pelo telefone 65267 — QUARTEIRA.

(2-2)

## Lote de Terreno VENDE-SE

Terreno situado em Vale da Rosa, pertencente aos herdeiros de Manuel Cortes.

Nesta redacção se informa.

(4-2)



## Armélím Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS  
Compra, Vende e Troca Automóveis  
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da G. Guerra, N.º 14-1.ª-Bsq.ª  
Telef. 62919  
Stand: Rua Diego Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)  
Campina de Cima  
LOULÉ



## VIOLENCIA E PSICANÁLISE

(continuação da pág. 1)

instintualmente, extravasando recalca-mentos íntimos até aí aplacados nas fronteiras do pessoal.

Assim se compreende ao vivo o pensamento de Plauto quando fulminou os coetâneos com a acerba frase: «homo homini lupus» (o homem é lobo do homem).

Pois ainda hoje se plagia o adágio. O homem não está por menos, quer ser lobo, forma alcateias para cevar no seu semelhante, com mais segurança e impunidade, a sua ferocidade latente.

Mas hoje não é ontem e esta escalada cíclica da violência obriga a indagar se a era do progresso e de tecnologia avançada melhorou em alguma coisa a natureza humana. Ou por outra, se o «homo sapiens» dos racionalistas e humanistas se libertou da escravatura ontológica e que Freud, no gume afiado da sua psicanálise localizou na tenebrosa região do «Id», esse elemento constitutivo do aparelho psíquico, que tenta sempre escapar-se, indomável e bravo, à coerência judiciosa da superego.

Sem mais delongas poderemos colocar a questão nestes termos. O homem é animado (assim afirma a

psicanálise) de forças interiores conflituais que lutam entre si marcando ou não ascendente sobre a sua consciência. E das alternativas dilemáticas só uma sai prevalecente: as directivas instintuais (do «Id»), ou a sua própria vontade.

No último caso equivale a dizer que o homem se libertou desses grilhões subjectivos.

Sendo aparentemente inócua esta conclusão é tremendamente significativa: ninguém pode aspirar à liberdade sem se libertar primeiro de si próprio.

## Prosseguem os preparativos das Festas de Verão

(continuação da pág. 1)

balhos em curso e dos contactos estabelecidos, projecta-se instalar na «Feira de Amostras», que se integra nos festejos, uma barraca para turismo que aproveitará o ensejo para promover a propaganda inerente.

No aspecto do artesanato estão a envidar-se diligências para apresentar também, na gama de artigos de produção local, as cadeiras de tábuas e sua manufatura.

Por seu turno, as barracas destinadas aos comes e bebes, foram ou estão a ser alteradas e reconstruídas de molde a melhor satisfazer o público e as suas atribuições funcionais.

O recinto das festas, que ocupará a Av. José da Costa Mealha, abrirá provavelmente às 21 horas, mantendo durante toda a noite os seus atractivos em actividade.

Sobre o cinema correm negociações com a firma concessionária no sentido de alugar-se esta sala de es-

pectáculos. Embora prematuro, afiançar-se qualquer conclusão, sabemos pertencer aos intentos da organização, se de facto conseguirem os seus objectivos, exibirem filmes para crianças e documentários alusivos ao Algarve.

Assim decorrem os preparativos das Festas de Verão de Loulé, que visam em última instância o sucesso de um cartaz que tem por lema atrair para o interior do Algarve o fluxo de forasteiros concentrados na zona do litoral.

## OS POBRES

### VIVEM DE ESMOLAS

(continuação da pág. 1)

a Alemanha Federal e, principalmente os E. U. A., estão ajudando Portugal para que se recomponha da gravíssima crise económica propositada e firmemente provocada pelos loucos desgovernos gonçalvistas, porque se pretendeu lançar este país na fome e na miséria, que seria hoje uma cópia fiel do que se passa em Angola, Moçambique, etc.

Por isso podemos afirmar que estamos pobres. E como estamos pobres, precisamos de viver de esmolas e de empréstimos. Pobres e infelizes os povos que pedem para comer.

É agora o nosso caso e o de muitos outros países por esse Mundo onde ainda a fome e a miséria são trágica consequência de políticas erradas e povos errantes à procura dum futuro melhor.

Por isso a Alemanha Federal acaba de lançar um audacioso desafio à União Soviética: que reduza a sua produção e exportação massiva de material de guerra e se coloque ao lado dos países do Ocidente que estão firmemente dispostos a auxiliar os países pobres e os em via de desenvolvimento, para se tentar reduzir a fome e a miséria ainda reinantes em tantos pontos do Globo.

Sempre pronta a proclamar a sua solidariedade para com os explorados, os oprimidos e os pobres, será de esperar agora, da União Soviética, o testemunho claro da sua prática de solidariedade humana.

Carter também já lançou o repeto à U. R. S. S. para que respeite a Convenção Internacional dos Direitos do Homem, tornando embaraçosas certas posições de dirigentes comunistas e o Mundo deve regozijar-se por estas atitudes do Ocidente, pois provam à saciedade a nobreza das suas pacíficas intenções, enquanto do lado oposto se fala de Paz, da solidariedade entre os Povos para que haja Paz, Paz, Paz... enquanto pela força das armas se conquistam novos territórios em África...

## ALUGA-SE

### ARMAZÉM

Situado na Rua Frei Joaquim de Loulé, 31 — LOULÉ. Tratar com Felisberto da Silva Mendonça — Café Avenida. — LOULÉ.

(4.3)

## MARCENARIA PINTASSILGO

Execução de serviços de marcenaria e carpintaria.  
Rua da Mina — LOULÉ.

# Dinheiro faz Dinheiro MAIS DO DOBRO

Sim, pode aumentar o seu dinheiro para mais do dobro.

Os Títulos de Fomento de Investimento Público, Classe B, dão-lhe 8% ao ano e um prémio igual ao capital investido.

Duplicate o que tem e contribua para o crescimento económico do País.

Compre FIP. Títulos de Fomento de Investimento Público.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO - FIP/77

### classe B

- valor nominal 1.000\$00.
- títulos de 1 e 10 obrigações
- juro de 8% ao ano pago ao semestre. Em 15 de Junho e 15 de Dezembro de cada ano.
- isenção total de impostos.
- amortização em parcelas anuais de 10% cada, a partir de 1978.
- A primeira é paga em 15 de Dezembro de 1978.
- prémio de reembolso igual ao total do valor subscrito.



## investir dá força ao seu dinheiro

Consulte as Instituições de Crédito



# QUOTIDIANOS

a crónica de  
JOSÉ MANUEL MENDES

## «GABRIELA CRAVO E FERRADURA»

— 'cê sabi uma coisa, Siracusa?  
— Eu não! O qui é, Malvadina?  
— Eu estou loucamente apaixonada...  
— Puxa vida! Essa não! E se o seu sogro vai saber?  
— Ele sabi!...  
— Ele sabi?...  
— Pois... (Siracusa pestaneja com olhos de carneira mal morta).  
— Como, pois! E ele fica assim? Não faz nada?...  
— Ai faz sim, senhor!...  
— Mas, Malvadina, o qui é qui ele faz?...  
— Ora... toma-mi nos braços, leva-mi à janela, mi dá beijos cheios di ternura...  
— Malvadina! Mas qui bobagem!...  
— Qui bobagem porquê? Ele mi dá carinho, mi leva a passear no escuro, vamos até ao Chata-Clá dançar um pouquinho, e depois...  
— E depois?... Diga depressa! E depois?...  
— Ora... Depois ele mi diz aqui devagarinho no meu ouvido: «Malvadina, minha nora queridinha, o pateta do meu filho não merece uma mulhé como 'cê!»  
— O quê?... Como pode o meu avô, o coronel Ramiro Rastos dizer uma coisa dessa di seu próprio filho?...  
— É qui ele... até tem uma certa razão, 'cê sabi? O Pinico, desde qui se divorciou e casou comigo, pareci outro. Desde que apanhou aquele susto com o coronel Cornoleolano, veja lá qui até rápou o bigodil! Francamente, Siracusa, diga-mi lá: o meu Pinico Rastos não parece mesmo um maricas?...  
— É... Realmente eu já tinha notado isso pra ela. Desde aquela noite qui você emprestou seu Pinico para mim, qui eu estranhei. Porque ele não fez nada!...  
— Nada?  
— Nada! Está mais murcho qui um bécálhau!  
— Calem-se infames insolentes! Assassinas do texto!  
— Ohhh!...  
— Mas... mas quem é o senhor? — perguntou Malvadina.  
— Ah! Ah! Vocês não mi conhecem, não? Eu sou Jorge Odiado, o autor desta novela, e vou matar vocês!  
Aqui, Siracusa e Malvadina morrem com um colapso cardíaco, e o autor suicida-se com dois tiros na aurícula direita do grilo. Rompe o choro na platéia e fecha o pano.

## Novos assinantes

É com viva satisfação que registamos a adesão de novas assinaturas do nosso jornal. Cumpre-nos, portanto exprimir os nossos agradecimentos aos assinantes que a seguir mencionamos:

Francisco Severino Lopes, Almanzil; Relojoaria Confiança, Loulé; José Gonçalves Reis, Loulé; Gomerzindo Felizardo Matilde, Quarteira; Joaquim Guerreiro Semão, França; José Jacinto de Sousa, Lagos; Oscar António Correia Ramos, Portimão; Eng.º João de Brito e Cunha, Matosinhos; Joaquim António Gonçalves Ferreira, Quarteira; António Eusébio Francisco, Parragil; José Gonçalves Calço, Armação de Pera; Humberto Manuel Pereira Gomes, Paderne; Dr. Gabriel Medeiros Galvão, S. Braz de Alportel; Chefe Circunscrição Exploração Posto Algarve, Faro; José Inácio Dias, Faro; Artur Martinho, U. S. A.; Maria Odete Cabrita, Lisboa; Joaquim Cabrita Gomes, Loulé; Francisco Caetano, U. S. A.; Maria Vieira Branco Szymanski, R. F. da Alemanha; P.e João de Deus Martins, Querença; João José André Batista, Loulé e Vidal Calço Garrão, Loulé.

A inscrição de novos assinantes é claro testemunho da crescente simpatia de que está sendo rodeado o nosso jornal.

Precisamos de mais assinantes e agradecemos aos que nos puderem ajudar indicando-nos os nomes de novos assinantes.

É possível que alguns amigos se retraiam por reparar que o preço da assinatura subiu, mas é preciso dizer-lhes que isso não é apenas uma consequência da subida dos custos a nível de tipografia, mas também um desejo de melhoria da textura do jornal.

Afinal o custo mensal da assinatura é de apenas 20\$00, importan-

cia insignificante comparada com as receitas normais de um lar.

Só o que francamente lamentamos é que o Governo nos force ao pagamento de uma taxa de 6\$50 por cada jornal expedido por via aérea para os nossos emigrantes, enquanto proclama das vantagens de a imprensa regional chegar até junto desses mesmos emigrantes.

Paradoxos...

## PALAVRAS... PALAVRAS...

### SÓ PALAVRAS...

Palavras, palavras. Há palavras duras como pedradas. Fanhosas, rouxinolascas, vermelhas, pretas, douradas, frias, quentes, ressequidas, ocas, luarentas, cheias, palavras de nada. Palavras das pirâmides às assembleias, nos terreiros, nos comícios, nas tribunas, na RTP, frases curtas, frases longas, ribombantes, metralhadas, convulsas, tronitantes, frases feitas e desfeitas... E os factos?

«Estamos a governar sozinhos, mas estamos a governar com a alegria do Povo» — disse Manuel Alegre em Beja. Eis uma frase que ficará para a História Trágico-Política deste País! Fim de citação.

(In «Jonal da Bairrada»)

Já Salazar dizia que «nenhum Governo podia governar contra a vontade de um Povo» e várias vezes referiu que «estávamos orgulhosamente sós».

Será que, agora a conversa é a mesma, mas com outro disco?

## QUE SE PASSA COM O MERCADO MUNICIPAL?

Sem que para tal sejam chamados chegam-nos rumores acerca de algumas anomalias que ocorrem portas a dentro do mercado central de Loulé.

Em atenção aos interesses do público que não podem ser minimizados, somos levados a exteriorizar essas murmurações, que em algo de concreto se devem basear decente.

Convirá portanto que uma vez confirmadas pelas entidades responsáveis, medidas condizentes e prontas se tomem a fim de sanar esse estado de coisas que não está conforme com as exigências e carências do consumidor que ali formiga e acotovela para se abastecer. Bem basta o elevado custo das coisas.

Assim alinhavamos aqui algumas interrogações que esperamos mereçam dos responsáveis dos serviços camarários, a conveniente ponderação e, se for caso disso, resoluções consentâneas:

— Porque balcões de venda há no mercado que encerram e abrem, quando apetece ao seu detentor, sem observância do horário estabelecido?

— Porque é que no sábado, alguns titulares do balcão de vendas encerram este e se misturam com os vendedores rurais, no local da praça (no chão) para eles destinado?

— Porque é que em certas ocasiões a retenção nada higiénica do lixo nos extremos da praça provoca cheiros repulsivos e insuportáveis para quem a frequenta?

— Porque é que os fiscais só se preocupam com a cobrança das senhas de aluguer e venda, e não (pelo menos que se saiba) com a fiscalização dos preços de conformidade com as tabelas oficiais estabelecidas?

— Porque razão se desperdiça tanta fruta por não ter sido vendida no dia anterior, devido ao seu elevado preço?

Não seria mais lógico reduzir os lucros de forma a evitar sobras e desperdícios desnecessários?

Aqui deixamos, portanto, à consideração de quem de direito, este pequeno questionário. Supomos que os casos apontados mereçam realmente uma prévia análise e averiguação escalpelizadoras conducentes à melhoria de serviços a prestar ao público consumidor, que bem merece a melhor atenção.

A.

## Completo-se

### o encerramento

### dos acessos

### do Mercado de Loulé

Depois de várias incursões nocturnas e furtivas feitas por intrusos que ali cometeram arrombamentos e furtos, o Município de Loulé decidiu guarnecer por completo, com uma rede metálica, os vãos superiores dos quatro portões de acesso ao mercado central.

Com efeito, hoje em dia, todos os cuidados são poucos para neutralizar a acção parasitária da ladroagem que não perde ensejo de espreitar a mínima oportunidade para levar a cabo os seus repulsivos intuitos.

Aumentar a invulnerabilidade e os sistemas de segurança é o mínimo elementar, não menos importante, de um conjunto de medidas de prevenção e repressão a não descuidar e a levar circunspectamente por diante.

O gradeamento dos portais do Mercado têm subido, por fases, ao longo dos anos e agora, finalmente, se atingiu a cobertura total.

Aos larápios, resta agora cortar o ferro ou escalar o alto muro...

## VIAJEM NA MINHA TERRA

Por Luís Pereira



Já naquele tempo de instabilidade política, económica e social, decidiu Almeida Garrett viajar pela nossa terra, para aproximar-se de perto dos problemas reais e concretos do País, manifestando desde logo o seu profundo nacionalismo, a sua sensibilidade humana, o seu patriotismo e abraçando o despertar do Portugal Novo, na esperança de ser desenvolvida e dignificada a sua tão querida Pátria. Ao longo de uma viagem de turbilhões, de acções dramáticas, de tristezas e alegrias, conjugadas com a beleza paisagística, Almeida Garrett resolveu escrever sobre a sua viagem, saltitando de assunto em assunto, com meditações, divagações e digressões e aproveitando para nos falar sobre Arte, História e Lendas da nossa terra. Mas o essencial da viagem e da obra que nos deixou foi a crítica ao Portugal Antigo, ao absolutismo, às velhas tradições dos clérigos, através de uma linguagem popular e expressiva, cheia de estrangeirismos e vocábulos familiares, do seu estilo romântico e do sentimentalismo manifestado em relação à Pátria amada, o qual enraíza de muito fundo. A sua própria auto-crítica, de quem se sente desesperado, quer com o Portugal velho que ele sempre repudiou, quer com o Portugal novo que ele em princípio abraçou mas que não lhe trouxe nada de novo, a não ser promessas, dão-nos a implícita imagem do círculo vicioso da vida. De qualquer forma e com todas estas contradições, próprias em qualquer ser humano, Garrett continua inesquecivelmente nos «mais» da Literatura Portuguesa.

Também eu, resolvi viajar. Talvez inspirado no grande escritor, talvez desesperado com os problemas que a todos nos afligem, entendi descobrir em breves palavras o que foi e o que resta da minha viagem pela nossa terra. Sem estar vinculado às tradições e aos costumes classicistas que ainda reinam na nossa terra, vejo com orgulho um Povo, que apesar das críticas e das calúnias de que é alvo, por parte de certos filhos d'álgio, continuam a demonstrar o seu portuguesismo, a sua coragem de lutar por um Portugal melhor e sobretudo interessados na consolidação de um regime de paz, de fraternidade e de convivência. Também a minha viagem foi uma viagem cheia de cenas chocantes, sentimentais e patrióticas, sem o artificialismo de Garrett mas com a mesma beleza campesina das aldeias esquecidas, das praias, dos montes, dos pescadores, dos pastores, das donas de casa, dos agricultores, e tantos outros Bons-Portugueses das mais diversas profissões, que amam a sua terra e a liberdade. Não encontrei na minha «promenade» a Menina dos Rouxinóis, aquela formosura de olhos verdes e de cabelos loiros que Garrett tanto gostava, mas não faltaram ao meu cenário, uma velhota de cajado na mão, curva

e sem reflexos, um padre e uma criança que, embora não se assemelhasse a Joaninha, tinha os traços comuns de ternura, de humildade e de bondade, e o sorriso perfumado e verdadeiro de um garoto feliz. Tal como Garrett vi, ouvi, pensei e senti. Ouvi pessoas, as suas lamentações, o seu desespero por não poderem beneficiar de melhores condições de vida, esquecidas eternamente na solidão das montanhas. Vi a pobreza dos campos, dos bairros da lata, a paisagem verdejante queimada pelos produtos químicos, a poluição, a fraca alimentação das pessoas, as impróprias condições higiénicas, a falta de água, de luz, de caminhos, contrastando com os gabinetes e os palácios dos nobres de Argel, com a aristocracia e a vida da alta sociedade de hoje à semelhança da época queiroziana. Vi tudo isto em pleno séc. XX tal como Garrett e Eça viam no século passado. Pensei nos humildes, nos pobres, nos róticos, que ignoram a civilização europeia, pensei no futuro daquela criança e senti um acto de revolta. Fiquei desesperado! Desesperado, por verificar que nem o Portugal Antigo foi capaz de superar as desigualdades, as contradições, as lutas, a incultura, nem o Portugal Novo, que tanto nos prometeu, transformou-se no verdadeiro Portugal dos Portugueses, no Portugal que todos ambicionavam. De nada valeu falar contra o centralismo de Salazar e Caetano, de criticar o bacalhau do Terreiro, de difamar o santo-Cardenal Cerejeira e tantos outros, porque o Portugal Moderno trouxe-nos idênticas recordações e hoje, as aldeias continuam abandonadas, o nosso país continua centralizado no Terreiro do Paço, o bacalhau desapareceu da mesa dos camponeses, e o santo Cerejeira deu à luz o herói Álvaro Cunhal, representante do materialismo soviético, que sendo anti-religioso é o mestre pagão dos ateus, das G-3 em boas mãos, dos assaltos, do controlo operário, das nacionalizações, da reforma agária, da «exemplar descolonização», e por aí adiante. Sem ser um ceticista, cheguei à conclusão que depois de tantos anos de luta para derrubarmos uma ditadura, um regime opressor, a PIDE, para consolidarmos definitivamente a democracia e a liberdade, caímos na tal armadilha da vida e acabámos por ficar como dantes. O progresso e a justiça social que estão bem expressos nos espíritos e nos corações dos verdadeiros Portugueses, foram substituídos pela demagogia, pela irresponsabilidade, pelo oportunismo aventureiro dos barões. Entre frades e barões, qual a diferença? Lá diz o velho ditado que o hábito faz o monge!

Quem conhece os quatro cantos do País, quem conhece as terras alentejanas, as vinhas do Douro, as fábricas da Cintura Industrial, a pesca do litoral, a agricultura do interior, verifica que podíamos ser Alguém se não fosse a teimosia e a ineficácia da burocracia reinante. Os nossos governantes preocupados com debates televisivos, com conversas de «chacha», em conferências nacionais e internacionais, com viagens turísticas, porque não fazem turismo interno? Talvez assim fiquem a conhecer melhor este jardim de flores à beira mar plantado. Venham ver os campos e experimentem a trabalhar!

Aconselho-os a viajarem pela nossa terra!

## CARIMBOS

Faça as suas encomendas a Gráfica Louletana — Rua Marechal Gomes da Costa — Telefone 62536 — LOULÉ.